

E TUDO PERMANECE IGUAL: O AMOR NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO

Doutoranda Maria Aparecida da Costa¹ – UFRN

Resumo:

O tema do amor é questão privilegiada em diversos campos do saber, principalmente no mito, na filosofia e na literatura, fazendo parte de um debate milenar. Em textos canônicos ou não, este tema se tornou lugar comum no espaço literário, porém, enquanto na visão clássica vem acompanhado de uma perspectiva aurática, na visão moderna, parece fadado à ruína. O herói das histórias contemporâneas é complexo, não se deixa antever facilmente, pois as relações afetivas são virtuais e, colocam em crise o mito do amor. Assim sendo, o intuito deste trabalho foi discutir a temática do amor no romance contemporâneo, particularmente, na obra de Lygia Fagundes Telles, com a intenção de entender como se dá a materialização e dissolução do amor, suas vicissitudes e incompletudes. Concluímos, pois, que há uma fragmentação amorosa no romance contemporâneo, uma recorrência na troca de parceiros, que sugere uma busca constante por uma completude utópica.

Palavras-chave: Amor, Romance contemporâneo, Lygia Fagundes Telles.

1 Introdução

O tema do amor é questão privilegiada em diversos campos do saber, principalmente no mito, na filosofia e na literatura, fazendo parte de um debate milenar, conforme conferimos em *O banquete* de Platão (2006). Em textos canônicos ou não, este tema se tornou lugar comum no espaço literário, porém, enquanto na visão clássica vem acompanhado de uma perspectiva aurática, na visão moderna, por se constituir no palco da sociedade do “mal estar”, parece fadado à ruína. Conforme aponta Bauman (2004) em *Amor líquido*, falar da situação amorosa hoje é linha de força em alta, no entanto, o herói das histórias contemporâneas é complexo, pois, enquanto traço representativo do sujeito inserido na sociedade moderna, não se deixa antever facilmente, pois as relações afetivas são virtuais e, colocam em crise o mito do amor, os relacionamentos atuais parecem feitos sob medida para o líquido cenário da vida moderna. Assim sendo, o intuito deste trabalho é discutir a temática do amor no romance contemporâneo, tomando como objeto de estudo um personagem do romance *As horas nuas* (2010), de Lygia Fagundes Telles.

A personagem em questão empreende uma busca implacável impulsionada por desejos individuais num mundo de relações afetivas caóticas, ou como sujeito inserido em um mundo degradado, o que parece configurar uma falta de sintonia entre amantes e por que não dizer entre homem e mundo conforme postulou Lukács (2000) ao referir-se ao herói moderno ou problemático.

Observamos que, na obra de Lygia as relações amorosas aparecem, em sua grande maioria, como suporte de autoconhecimento humano, ou seja, depois da desilusão o

homem tem um encontro com ele mesmo. No romance *As horas nuas*, lemos a história da atriz Rosa Ambrósio, dona de uma beleza exuberante no passado, e no momento presente da narrativa se sente decadente física e profissionalmente, e em consequência disso entregue à solidão.

Viúva de Gregório, longe da única filha, Cordélia, que não mora mais com ela, Rosa só tem como companhia a empregada Dionísia e o gato Rahul. O enredo, portanto, mostra uma mulher que, a todo tempo, busca, a partir da memória, reconstruir sua trajetória de vida, avaliando seu comportamento e observando onde errou e onde acertou, com o propósito claro de descobrir porque naquele momento de sua vida se encontra tão só. Grande parte da narrativa apresenta Rosa Ambrósio como uma mulher triste, solitária, em um confuso monólogo interior, mas, sobretudo irônica, e em busca de compreensão para sua situação, principalmente a amorosa. Observe:

Entro no quarto escuro, não acendo a luz, quero o escuro. Tropeço no macio, desabo em cima dessa coisa, ah! Meu Pai. A mania da Dionísia largar as trouxas de roupa suja no meio do caminho. [...] Eu quero ficar assim quietinha com a minha garrafa, Ô! delícia beber sem testemunhas, algodoadada no chão feito astronauta no espaço, a nave desligada, tudo desligado. Invisível (TELLES, 2010, p. 13).

A atriz se lembra que o casamento com Gregório, por trinta anos, foi tranquilo, sem percalços. No entanto, uma relação calma demais, rotineira, como um cumprimento de qualquer outra necessidade normal no dia a dia de um ser humano comum. O marido era o homem bom, o que guiava e sustentava as crises existenciais da atriz:

Recorria a Gregório nas suas crises místicas, quando se sentia abandonada por Deus e traída pelo próprio ofício ao qual dera o melhor de si mesma, gostava de repetir, Dei ao teatro o melhor de mim mesma! Era ainda Gregório que ouvia as queixas maiores pela traição de Cordélia, o avesso do modelo da filha que vem para acrescentar e não para diminuir. Nessas crises, ele era a rocha onde ela ia se estirar exausta (TELLES, 2010, p. 37).

Rosa e Gregório viviam em um ambiente em que não se via o sentimento do amor paixão – referimos aqui à paixão como algo efervescente, instigante, como um sentimento que impulsiona o homem em busca do prazer. Conforme Gérard Lebrun a sabedoria é a “cirurgia das paixões” (Idem, p.22), nesse sentido filosófico de ver a paixão, percebe-se que Rosa dependia de Gregório, a relação dela por ele se pautava no conforto que aquele homem seguro, estável psicologicamente, proporcionava lhe, sem necessariamente haver entre eles, pelo menos no que se referia ao sentimento de Rosa Ambrósio, outro tipo de anseio que não o de conforto e segurança.

Em se tratando das questões do amor, Rosa é lúcida. Ela sabe da fugacidade do sentimento e de como isso é visto pela sociedade. De forma irônica ela imagina que mesmo no auge de seu magnetismo, ainda uma atriz famosa, se ela tivesse morrido por amor, sua morte, na realidade, seria só mais uma nas estatísticas de mortos por causas escusas, já que esse sentimento é desacreditado, com esse poder, pelos muito racionais. Além disso, ela ainda ironiza as mulheres que apesar de terem lutado tanto por emancipação, não evoluíram em nada em relação ao sentimento amoroso. A atriz observa que não adianta a

mulher ser avançada em tudo, criar filhos sozinha, ter trabalho igual aos homens, ser emancipada, sendo que no amor “prosegue ela tomando seu chá de jasmim” (TELLES, 2010, p.25), ou seja, à espera da realização amorosa partindo do outro, sem que haja uma atitude de busca verdadeira e de total entrega ao amor por parte da mulher.

De acordo com o que vem sendo posto, o tema do desencontro amoroso é recorrente na obra de Lygia Fagundes Telles, e vários estudiosos já se dedicaram a este assunto, como exemplo, José Paulo Paes, quando afirma que:

O título de um dos livros de Lygia Fagundes Telles, *Histórias do desencontro*, bem poderia servir de lema para toda a sua obra de ficção. Seja nos contos, seja nos romances, o desencontro é um tema de ocorrência frequente que a inventividade e a competência da sua arte de ficcionista não deixa nunca tornar-se repetitivo. Ao contrário, cada ocorrência serve para pôr-lhe de manifesto este ou aquele aspecto diverso, com o que o desencontro acaba por patentear-se menos um tema do que uma das matrizes da experiência humana (PAES, 1998, p. 71).

A afirmativa de Paes reforça a recorrência da temática em Lygia, pois o amor é um desencadeador de encontros e desencontros e conseqüentemente da solidão.

A personagem central de *As horas nuas* arriscou viver fora dos padrões, tentou fugir dos paradigmas para viver de verdade, quando não sentia mais conforto em sua relação conjugal. Assim sendo, já no final da carreira de atriz, quando não podia mais viver vidas diferentes nos palcos, ela se entrega a uma história de amor fora do casamento. Como se bastasse fugir dos paradigmas estabelecidos para uma mulher de classe alta da sociedade paulista, sua relação amorosa é com seu secretário, um rapaz de aproximadamente 20 anos a menos que ela. Por esse amor, Rosa se isola socialmente, e se desliga naturalmente de um casamento pacato e sem emoção.

O envolvimento de Rosa com um amante mostra que faltava paixão em sua vida de casada. Conforme afirma Julia Kristeva (1988), o homem necessita buscar uma completude para o “eu”. A atriz Rosa Ambrósio tinha uma vida convencional, organizada, mas carente de ação/emoção/paixão, que antes era suprida pelos palcos. Quando seus trabalhos de atriz se escasseiam, a rotina de sua vida conjugal a incomoda, levando-a a inserir mais um em sua história de amor. A paz de sua casa com seu marido não tinha o amor paixão, – aquele que “indica uma forma de emoção amorosa que domina a personalidade e é capaz de transpor obstáculos morais e sociais” conforme afirma (ABBAGNANO, 2007, p. 861) – o casamento havia, portanto, se transformado em algo fraternal que não lhe impulsionava a nada, que não lhe dava a felicidade buscada pelos amantes, que não completava os vazios de seu “eu”.

Outra questão que incomoda Rosa Ambrósio é a hipocrisia relativa à diferença de idade dos casais e a relativização do ponto de vista sobre isso. Ela se irrita ao ver a filha Cordélia jovem com homens mais velhos, mas não ser criticada, enquanto quando a situação é inversa a sociedade não suporta. As pessoas não lidam bem com a quebra dos paradigmas, e a própria Rosa tem noção dessa situação. Portanto, a angústia da diferença de idade e reação social estão indelevelmente entranhadas na própria cabeça da atriz.

Apesar de a todo tempo na narrativa Rosa seja guiada por um sentimento de remorso, e embora tenha tido um amante, ela é categórica em afirmar que também amou o marido, mesmo o tendo traído. Essas tentativas de dirimir a culpa servem para aliviar a consciência de uma traição a um homem bom, mas que, por não ter se transformado em

uma grande história de amor, não valeu a pena. Pode-se ainda afirmar que o amor de Rosa Ambrósio pelo marido é o amor puro e sublimado, aquele que abdica dos prazeres da carne, aquele que sobrevive ao coito; o amor quase cristão, Ágape, no sentido espiritualizado, ou conforme postulou Platão (2006), o amor acima de tudo, além do bem e do mal.

O que podemos notar, no decorrer do romance é que, Rosa não soube viver o sossego do amor “acima de tudo”, bondoso e calmo com Gregório, ela não se concentra na vida calma de seu cotidiano matrimonial. Observe:

Comemos [Rosa se referindo a ela e Gregório] com apetite da inocência, ô meu Pai! Que fácil ficava a vida sem disfarces. Sem mentira, mas então havia esperança? Respondeu quando me olhou bem no fundo dos olhos. Baixei a cabeça, confundida, mas até quando tinha que ser esta tonta querendo sempre o que não tinha. Por que não pisava com os dois pés no presente? Um maldito pé nostálgico ficava no passado enquanto o outro pé, o da ambição se perdia no futuro, o demônio da cobiça me empurrando, vai! Vai! (TELLES, 2010, p.154).

A atriz, a todo tempo, é corroída pelo remorso em decorrência de suas falhas como esposa, e por vezes tenta dirimir sua culpa pela traição. Contudo, mesmo nestes momentos de remorso ela não se arrepende por ter vivido uma paixão intensa com Diogo. Seu arrependimento se limita ao imaginar a figura do marido, mas, paradoxalmente seu desejo pelo amante é mantido, ela continua desejando estar com ele.

Corroborando com o pensamento de Denis de Rougemont:

De fato, a ideia de fidelidade só é sustentada ainda por respeito adquirido à ordem social. [...]

Afirmo que tal fidelidade é o fundamento da pessoa. Porque a pessoa se manifesta como uma obra, no sentido mais amplo do termo. Edifica-se tal como uma obra, por meio de uma obra e nas mesmas condições, a primeira das quais é a fidelidade a algo que não existia, mas que se cria (1988, p. 214).

No romance *As horas nuas*, vê-se que para a personagem Rosa Ambrósio, o homem que mais se dedicou a ela, com quem se casou de forma tradicional e lhe foi fiel, não foi o mais importante. O papel de Gregório em sua vida foi como uma ponte entre os dois homens que mais a desestruturaram, levando-a a conhecer o bem e o mal do amor.

Diogo, a princípio seduz Rosa, depois, deixa por conta da carência da atriz e da conveniência dele que ela siga alimentando a relação dos dois. Nota-se que, o relacionamento deles era forte, envolvente e, mesmo Rosa Ambrósio tendo quase o dobro da idade de Diogo, seu corpo estava vivo e em chamas quando se tratava do amante, “Bati a cinza do cigarro em seus cabelos e rolamos em seguida pelo chão brincando de nos molhar com uísque e nos lamber depressa, não perder nenhuma gota [...]” (TELLES, 2010, p. 19). Importante observar ainda, que, a princípio, Diogo, o amante de Rosa reluta por se envolver com ela amorosamente, no entanto, em um fascinante jogo amoroso, ele instiga e seduz a mulher, “Bombons, gracejos, flores. Foi me conquistando sem pressa, encomendação do corpo e conquista de mulher madura tem que ser devagar [...]” (TELLES, 2010, p.17).

No presente da narrativa, já sem o amante por perto, e em um de seus devaneios etílicos, Rosa mistura o prazer da bebida com a lembrança do prazer erótico que lhe dava o corpo de Diogo:

Procuo com a boca a boca da garrafa. Com a ponta da língua vou contornando o círculo de vidro amolecido – ou foi a minha língua que amoleceu? Assim viciosa eu o percorria inteiro, fala, Diogo, onde é que você está? Eu te amo. Agora que te perdi é que sei o quanto eu te amei – mas porque tinha que acontecer outra vez? (TELLES, 2010, p. 18).

Toda inércia de Rosa, apresentada no presente da narrativa, se dá pelo desespero da solidão, do avançado da idade e do desejo de ter seu grande amor de volta, só ele daria sentido a sua existência. A volta de Diogo significaria para Rosa o seu renascer, o que justifica a atriz estar constantemente preocupada com a juventude e beleza. Nesse caso, Rosa dedica todo o tempo que ela tem a esperar Diogo, para que ele restaure sua vida.

O comportamento do amante de Rosa, não era de um homem apaixonado e cheio de amor. Embora ele dissesse que a amava, sua persistência ao lado dela se dava por várias outras questões, algumas nada românticas, como a própria Rosa lembra. Quando se tornaram amantes, Rosa queria Diogo perto dela, no mesmo apartamento. No entanto, Diogo justificava a necessidade de ter sua liberdade garantida. Observe: “Cedeu quando lhe dei o Porsche. Você está me comprando, disse e fez a mudança. Veio com sua beleza, sua música” (TELLES, 2010, p.151). Vê-se que, mesmo tentando ser resistente às ofertas financeiras de Rosa, Diogo cedia a elas. Rosa podia e queria comprar, Diogo aceitava a oferta.

Mas, o amor dos dois não dura muito, principalmente quando a atriz fica viúva e Diogo começa a traí-la; ela se enche de insegurança e assim como Diogo entrou em sua vida ele sai, com seu *Porsche* vermelho, deixando Rosa mais murcha e em silêncio: “Você é uma narcisista, Rosona. E os narcisistas são barrocos. Vou responder e ele não está mais comigo, saiu no seu porsche vermelho, expulsei-o e era a mim mesma que estava expulsando” (TELLES, 2010, p. 56, 57).

A todo tempo Rosa se vê perdida em meio a lembranças misturadas de toda a sua vida. O que sabe com certeza é que Gregório e Diogo, cada um com suas particularidades, a completavam. A obediência e amor necessários a Gregório e o amor paixão por Diogo lhe faziam falta. Um lhe transmitia certa quietude, e o outro amor e paixão para saciar a carne. Ela precisava dos dois. Com eles ela era viva. Como mostra o excerto:

Ô meu pai! se ele voltasse. Não vai mais voltar? Se ele voltasse eu voltaria. A viver, querida. Com Diogo eu tinha certeza de que não estava fazendo papel miserável. [...] Quando Gregório foi embora, quando ele acabou indo também fiquei me vendo em estilhaços. Cacos! eu grito ninguém me responde, perdi todos, minha filha. Meu público (TELLES, 2010, p. 104, 105).

Percebemos que Rosa dedica seu momento presente a lamentar a morte do marido e a ausência do amante, como Diogo ainda é vivo, a mulher dedica a ele toda a força que ainda tem para amar alguém. Ela cultivava uma ilusão pela sua volta e isso é que a sustenta, vivifica e dá alguma esperança futura. Isso é visivelmente notório quando um simples telefonema dele tira a atriz da apatia, restaura sua ilusão e vontade de viver. Essa atitude de

Rosa Ambrósio, primeiro de dedicar uma saudade e amor póstumo ao marido e uma esperança e amor apaixonado e intenso ao amante Diogo, reforça o mito do amor que se dá na ausência, do amor irrealizado e por isso mistificado, esperado. Conforme postulou Betty Milan:

[...] o amor não vive sem a falta, sem o mal infligido pela ausência. O que seria dele sem a solidão?, pergunta Stendhal, enquanto Ovídio afirma que a espera só o aguça, recomenda resistir ao pretendente sem o afastar, de modo a fazê-lo simultaneamente temer e esperar (1999, p. 23).

A espera pela volta de Diogo, ou, pelo menos a ilusão de sua volta, anima e encoraja a atriz, deixando-a com um comportamento de menina feliz à espera de seu amor:

Mas assim que ela se afastou virei o último gole de vodca e corri para uma ducha violenta, *Carpe Diem!* ordenei aos espelhos, a colheita imediata, Ação direta! ordenaram os terroristas. Voltei aos cremes e às saunas, tirei dos armários meus vestidos brancos, tenho que estar pronta porque hoje ou amanhã ou daqui a um mês. Ou um ano. Ele vai voltar (TELLES, 2010, p. 188).

Percebemos que a volta de Diogo é totalmente hipotética, em nenhum momento se tem uma certeza que possa acontecer, contudo, Rosa se anima, imbui-se de uma euforia infantil, adolescente na entrega pela espera. Toda a embriaguez e inércia que acompanha a personagem por quase todo o romance, decorrentes de sua solidão amorosa se esvai quando surge a esperança da volta do amado.

Podemos, a partir do estudo exposto, afirmar que, o amor na obra de Lygia Fagundes Telles, no romance *As horas nuas*, aparece de forma contraditória, fragmentada e não acontece o esperado final feliz. Há, sim, um hipotético final feliz, criado pelo desejo desenfreado da personagem Rosa, reforçando a ideia de que o amor eterno não se sustenta, de que o amor Eros, de forma geral vive em uma constante e angustiante busca, mas que, paradoxalmente é essa busca que alimenta a paixão do sujeito que não se contenta com uma rotina de vida, com uma vida comum, assim, o ciclo recomeça.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

KRISTEVA, Julia. **Histórias de amor**. Trad. e intr. de L. T. da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LEBRUN, Gérard. O conceito de paixão. Trad. Mônica Fuchs. In. **Os sentidos da paixão**. Org. Adauto Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 12 a 32.

LUKÁCS, Jorge. **A teoria do romance**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São

Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000.

MILAN, Betty. **O que é o amor**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

PAES, José Paulo. Ao encontro dos desencontros. In. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Lygia Fagundes Telles. Instituto Moreira Salles, nº05, 1998, p. 70 a 83.

PLATÃO. **O Banquete: o simpósio ou do amor**. 3. ed., Trad., introdução e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa Guimarães Editores, 2006.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Trad. de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

TELLES, Lygia Fagundes. **As horas nuas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ⁱ**Autora**

Maria Aparecida da Costa (Doutoranda)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail

cidaminas@hotmail.com